

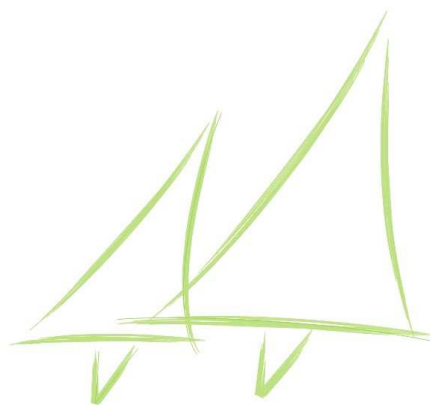
V ENCONTRO DE PESQUISADORES LATINO-AMERICANOS DE COOPERATIVISMO

V ENCUENTRO DE INVESTIGADORES LATINOAMERICANOS DE COOPERATIVISMO

MOVIMENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZAÇÃO
E IDENTIDADE COOPERATIVA NA AMÉRICA LATINA

MOVIMIENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZACIÓN E IDENTIDAD COOPERATIVA EN AMÉRICA LATINA

COMITÉ DE PESQUISA DA ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL



193 - O PAPEL DA COOPERATIVA-ESCOLA NA FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA: UM ESTUDO NA ESCOLA AGROTÉCNICA DE CRATO – CE

TEMA: JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E COOPERATIVISMO

Raimundo Nonato de Moraes
rainonato2@bol.com.br
Escola Agrotécnica de Crato

Ana Alice Vilas Boas
analice@ufla.br
Universidade Federal de Lavras

Resumo

A valorização da cooperativa-escola e a tentativa de resgatar seu papel na formação do educando têm se tornado primordial nos dias de hoje, pois as pessoas estão cada vez mais dispostas a trabalhar de forma associada. Através das cooperativas-escolas, o aluno desenvolve atividades que constituem um aprendizado de vida. O aluno é quem decide sobre os destinos da sua entidade, através de reuniões e assembléias gerais. As atividades desenvolvidas pelo aluno podem contribuir para melhoria do sistema de ensino agrícola. Pois, ele pode divulgar em sua região os propósitos e vantagens da cooperação e contribuir para que outras pessoas possam constituir cooperativas e trabalhar de forma associativa. Além de contribuir para a formação de novas lideranças e para socializar os conteúdos de ensino de forma multidisciplinar. Assim, esta pesquisa visa investigar o modelo de aprendizagem do aluno-associado através da sua

atuação na cooperativa e descrever o seu envolvimento junto ao quadro social da cooperativa-escola. O estudo que ora se propõe será realizado no âmbito da Escola Agrotécnica Federal de Crato – CE. Os dados foram coletados junto aos alunos por meio da aplicação de questionários. Espera-se que as informações coletadas permitam descrever o papel da cooperativa-escola na formação do técnico em agropecuária. Conclui-se que para o aluno o modelo de aprendizagem predominante na cooperativa ainda é tradicional. Portanto, a filosofia do cooperativismo e da cooperativa-escola precisam ser melhor divulgada no âmbito da própria cooperativa e da escola.

Palavras-chave: Cooperativismo, educação, gestão.

Abstract

The valorization of the School-cooperative and the attempt of rescuing its role in the student's formation have become primordial nowadays, because the people are willing to work more and more in a more collaborative style. Through this kind of cooperative, the student develops activities that constitute a kind of life learning. The student is who decides on the destiny of his own entity through meetings and general assemblies. The activities developed by the student can contribute for the development of the agricultural teaching, because the students can advertise on their own areas the purposes and the advantages of cooperation. They may also contribute for the formation of new leaderships and to socialize the contents of teaching in a multidisciplinary way. For these reasons, this research seeks to investigate the model of the student's learning through his works within cooperative and to describe the associated student's commitment with the committee members. The fieldwork was carried on at the Escola Agrotécnica Federal de Crato – CE. The data was gathered among the students through questionnaires. We hope the gathered data allow describing the role of cooperative-school in the formation of the Farming Technician. In summary, according to the students' points of view the prevailing model of learning within the cooperative is still very traditional. For this reason, the cooperativism philosophy and even the school-cooperativism philosophy need to be better advertised even inside of the institution and its own campus.

Key-words: Cooperativism, education, management.

1. INTRODUÇÃO

O sistema cooperativista cuja concretização ocorreu em 1844, em Manchester, na Inglaterra por ocasião da constituição da primeira cooperativa no mundo, pelos pioneiros de Rochdale, apresenta princípios e valores universais que são cultivados por todos os povos do mundo inteiro. É através das sociedades

cooperativas democraticamente organizadas que essa doutrina passa a ser vivenciada por homens e mulheres, dispostos a trabalhar em conjunto e desejosos de conquistarem ideais comuns.

São vários os seguimentos desse movimento que pode se fazer presente em todos os setores da sociedade, notadamente entre os cidadãos de classes sociais menos fortalecidas economicamente que precisam garantir sua presença no mundo do trabalho e resgatar valores humanos para poder ter esperança de uma vida mais digna.

Assim como sonhavam os “Socialistas Utópicos” no período pré-cooperativista, é possível, nos dias de hoje, imaginar um mundo mais igualitário e mais justo. É possível tornar realidade a vontade coletiva dos cidadãos de ver a riqueza produzida pela nação distribuída de forma mais justa. O caminho para tanto pode ser o do associativismo, o do cooperativismo livre, e o do trabalho realizado em comunhão. Assim, torna-se gratificante realizar conquistas pelo esforço conjunto de categorias profissionais diversas. Somar esforços para superar as mazelas do capitalismo desleal e buscar melhoria das condições de vida do homem, pode ser um desafio a ser enfrentado pelos que se sentem marginalizados pelos sistemas econômicos injustos. O caminho pode ser o da cooperação e do auxílio mútuo.

O cooperativismo apresenta diferentes ramos em todo o mundo. Um desses é o cooperativismo educacional onde através da prática dessa doutrina os alunos de escolas particulares ou públicas divulgam entre eles o espírito da cooperação e da solidariedade procurando alcançar melhorias para o ensino.

No ramo educacional pode-se ressaltar a modalidade de Cooperativa-escola que é muito comum nas Escolas Agrotécnicas Federais. Na cooperativa-escola o associado é o aluno e a cooperativa pode se transformar num espaço para discussão, formação de novas lideranças e para experimentação do que seja o exercício de uma atividade coletiva, ou seja, compartilhada.

Nesse sentido tudo indica que a Cooperativa–escola deve contribuir para a formação do educando uma vez que em seu estatuto está garantido que a mesma deverá cumprir com objetivos tais como os que estão transcritos abaixo. Estatuto da COETAGRI (setembro de 1995):

Capítulo II – Dos Objetivos

A Cooperativa-escola tem por objetivo:

- Educar os associados tendo como fundamento a doutrina cooperativista no seu currículo pleno;
- Promover a defesa econômica dos interesses comuns objetivando a aquisição de materiais necessários ao exercício da vida escolar e do processo de ensino-aprendizagem;
- Realizar a comercialização dos produtos decorrentes do processo de ensino aprendizagem bem como a prestação de outros serviços de conveniência do ensino e de interesse dos associados;
- Servir de laboratório operacional para a prática e a fixação dos princípios educacionais preconizados na doutrina através da autogestão.

Se tais objetivos da Cooperativa-escola dos Alunos da Escola Agrotécnica Federal de Crato LTDA – COETAGRI são almejados, é algo que merece estudo mais criterioso, pois se assim o forem em sua plenitude, já será um indicativo da sua importância para a formação do educando.

Por conseguinte, trabalhos que possam desvendar o papel dessas entidades na formação cooperativista do jovem, contribuir para uma reorganização da administração da cooperativa e estimular a participação do aluno-associado nas atividades da mesma são de grande valia. Estes trabalhos poderão ajudar a compreender a inserção e a atuação do aluno no cotidiano escolar a partir da análise de sua participação ativa nos eventos cooperativistas por ela promovidos.

Pelo exposto evidencia-se que a cooperativa-escola deve contribuir com a formação do Técnico em Agropecuária de uma maneira informal. Através dela o aluno desenvolve atividades que constituem um aprendizado de vida. O aluno é quem deve decidir sobre os destinos da sua entidade em assembleias e reuniões. Ele deve estar atento às mudanças que ocorrem nesse campo do cooperativismo e contribuir de forma mais decisiva para o sucesso de sua cooperativa.

As atividades assimiladas pelos alunos através de sua cooperativa podem contribuir para a melhoria no desenvolvimento do sistema de ensino agrícola. Ele poderá divulgar em sua região os propósitos e as vantagens da cooperação e contribuir para que outras pessoas possam constituir cooperativas e trabalhar de forma associada.

A cooperativa ainda poderá colaborar para a formação de novas lideranças e para socialização dos conteúdos do ensino de forma interdisciplinar. O aluno vai experimentando pela atuação o que significa trabalhar de forma organizada e contextualizada. Estas justificativas dão suporte a todo trabalho que tenha por fim descobrir como o jovem se relaciona no desempenho de uma atividade em grupo.

Neste contexto, o objetivo desse estudo é investigar o modelo de aprendizagem do aluno-associado através da atuação na cooperativa-escola e descrever seu envolvimento junto ao quadro social da cooperativa-escola.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Fundamentos do Cooperativismo

O cooperativismo é um sistema sócio-econômico que considera as cooperativas o alicerce de todas as atividades de produção e distribuição de riquezas geradas coletivamente. O cooperativismo tem como objetivo principal, o bem-estar social do homem, fundamentando-se em princípios de cooperação, solidariedade e auxílio mútuo.

Segundo a OCB (2004: 19), “o cooperativismo nasce como movimento, filosofia de vida e modelo sócio econômico, capaz de unir desenvolvimento econômico e bem estar social tendo a participação democrática, a solidariedade, a independência e a autonomia como referências fundamentais”.

O cooperativismo tem suas raízes na Inglaterra, mais precisamente em Rochdale, em Manchester, quando um grupo de 28 tecelões ingleses fundou em 21 de dezembro de 1844 uma sociedade denominada cooperativa e lançou para o mundo um verdadeiro exemplo de que com organização, união e auxílio mútuo é possível vencer as dificuldades e produzir riquezas que se transformam em benefícios para o homem.

Na verdade o movimento cooperativista surge em meio à revolução industrial que produziu uma verdadeira transformação nos meios de produção nos países de civilização ocidental. A máquina começava a substituir a força de trabalho humana e as desigualdades sociais se tornaram gritantes por conta do liberalismo econômico que predominava na época.

O contexto social vivido na época era de comoção social, originária da insatisfação popular em relação à forma injusta de distribuição de renda. Este é fato comum onde predomina o sistema capitalista e, aliado a este problema, várias irregularidades no mundo do trabalho eram constatadas, tais como a falta de legislação para proteger o trabalhador, a sua baixa remuneração, a exploração da mão-de-obra da mulher e das crianças, entre tantas outras mazelas sociais.

A partir disso pode-se afirmar que o cooperativismo surge como um manifesto contrário ao que se vivenciava na época em termos de resultados da doutrina capitalista que ainda hoje transforma a mão-de-obra em mercadoria, explora o ser humano, promove desigualdade e injustiça social e gera desemprego, fome e miséria por todo mundo.

A doutrina cooperativista passa a ser vivenciada em todos os países a partir do exemplo deixado pelos Probos Pioneiros de Rochdale, sendo abraçada por todos os povos de todas as nações sem importar o idioma, a etnia ou o sistema político vigente. O lema é o da cooperação e auxílio mútuo. A visão individualista no campo do trabalho cede lugar ao espírito da coletividade. As responsabilidades pelo empreendimento ou sociedade passam a ser de todos que, irmanados pelo mesmo ideal, formam um grupo. O sucesso e os frutos do trabalho em grupo são compartilhados.

O início do movimento cooperativista no Brasil ocorreu ao se constatar que uma colônia de imigrantes, inspirada pela idéia do francês Jean Maurice Fraive, trabalhava em forma de cooperação nos sertões do Paraná. No entanto, o cooperativismo se concretizou em 1889, em Minas Gerais, com a fundação da Sociedade Cooperativa dos Funcionários Públicos de Ouro Preto (OCB, 2004: 35).

Atualmente, o cooperativismo é um movimento marcante no Brasil, pois já se registram 13 ramos desse sistema abrangendo os mais diferentes setores da sociedade e as mais diversas classes sociais. Sempre com o intuito de manter vivo o espírito do cooperativismo e de fortalecer um sistema que deve ser mantido de forma democrática e participativa. Os principais segmentos do cooperativismo são o agropecuário, consumo, crédito, educacional, ramo especial, habitacional, infra-estrutura, mineral, produção, trabalho, saúde, transporte, turismo e lazer.

Desta maneira vale destacar que atualmente são milhões de brasileiros e milhares de outros povos filiados a este sistema, lutando conjuntamente pelos

seus ideais e buscando melhores condições de vida, ao mesmo tempo em que contribuem para a grandeza dos seus países.

O cooperativismo busca libertar o homem do individualismo por meio de entidades denominadas cooperativas e satisfazendo assim as suas necessidades. Ele é um sistema organizado o que se constata pela efetivação do trabalho conjunto através de princípios norteadores da doutrina, tais como:

- Adesão livre: Garante às pessoas a adesão voluntária a sociedade cooperativa sem discriminação ou preconceito.
- Gestão democrática: Formação de políticas com base em tomada de decisão conjunta pelos membros do grupo;
- Autonomia e Independência: As cooperativas são autônomas e o controle democrático é assegurado pelos membros.
- Educação, Formação e Informação: As cooperativas se preocupam com a divulgação da filosofia do cooperativismo entre os cooperados e com a formação para o exercício pleno da cidadania dos seus integrantes.
- Intercooperação: As cooperativas trabalham em conjunto através de estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.
- Responsabilidade social: As cooperativas trabalham para o desenvolvimento de suas comunidades através de políticas aprovadas pelos membros.

O estudo dos princípios do cooperativismo também é importante para entender melhor a sua filosofia, seu campo de ação e os segmentos que o compõe. Mas, além disso, torna-se relevante destacar as vantagens que uma organização desta natureza tem perante as demais.

2.2. Vantagens de uma Organização Cooperativa

Por definição, “Cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações, necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida”. (Conceito apresentado no Congresso Centenário da Aliança Cooperativa Internacional em setembro de 1995, Manchester, na Inglaterra). Portanto, ao satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns estas organizações criam vantagens para seus integrantes.

De acordo com Crúzio, (2000: 21), as vantagens organizacionais de uma empresa cooperativa são:

- Eliminam a relação entre empregado e empregador;
- Substituem a figura do intermediário;
- Eliminam a figura do intermediário;
- Permitem que os próprios associados exerçam a direção e a fiscalização da cooperativa;
- Representam coletivamente todos os associados;

- Negociam melhores preços, prazos e formas de pagamentos junto a fornecedores, mediante compras em grandes quantidades e reduzem os custos unitários da produção;
- Formam uma central ou federação o que facilita a expansão das operações ou atividades para vários municípios, cidades e estados;
- Garantem direitos iguais a todos os sócios; e
- Possibilitam o desenvolvimento intelectual dos cooperados e de seus familiares.

Desse conjunto de vantagens o que se destaca com bastante relevância é que tudo se processa através do exercício da democracia e da prática da cooperação. Como cita Meneses (1992: 39) “É pela cooperação que as pessoas combinam ou conjugam seus esforços para alcançarem objetivos que beneficie a todos os membros do grupo”. E continuando, acentua que “É preciso, compreende-la, deseja-la e esforçar-se por torná-la ativa dentro de nós, em confronto com os deslizamentos egoístas e até naturais do ser humano”.

Assim, torna-se um privilégio a oportunidade de vivenciar com o jovem a descoberta dos valores da cooperação que é prática tão antiga entre os povos e que está presente no dia-a-dia, tornando-se atitude obrigatória do cidadão, no sentido de viver mais e melhor com o próximo.

Desta forma Freire, (1979: 33) ao afirmar que “O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente”. Esta consciência crítica poderá ser desenvolvida através da cooperativa dando ao aluno a oportunidade de descobrir o valor do trabalho solidário, a grandeza da partilha dos frutos de uma ação conjunta e de produzir um conhecimento democrático, se apropriando de um saber originário das idéias coletivas. Um saber que seja capaz de transformá-lo socialmente.

2.3. Educação Cooperativista

A oportunidade de crescer com o jovem educando e de viver com ele o novo através da cooperativa é bem peculiar. Deixá-la passar seria contribuir para a manutenção de um processo educativo estagnado e sem avanços sociais, que em nada contribuirá para a conquista do novo e para um processo que permita ao aluno e ao professor sonharem com a existência de uma educação realmente transformadora, no sentido de garantir ao jovem um espaço mais promissor no mundo do trabalho.

No entanto, para que a cooperativa avance nesse sentido é preciso que o quadro social seja atuante, pois do contrário a tendência será a de se constatar um cenário no qual se repete o que tradicionalmente se observa nas salas de aula que seguem um modelo tradicional e conservador onde a centralização das idéias, a concentração do poder e a lei do silêncio imperam. Como a pedagogia não está presente somente na sala de aula, ela se faz presente também na cooperativa. É como afirma Libâneo (1986) “A pedagogia tradicional é viva e atuante em nossas escolas”.

Ainda enfatizando o aspecto educacional das cooperativas pode se esperar que estas desenvolvam uma educação cooperativista com alicerce nas idéias da tendência liberal, especialmente a corrente tradicional ou tecnicista o que dependerá do nível de conscientização do cooperado e da forma como a cooperativa é administrada. Porém, estas poderão enveredar pela linha progressista a qual se fundamenta numa teoria mais inovadora produzindo uma educação mais popular e conhecida como a Pedagogia de Paulo Freire. Apesar disso, somente um estudo mais apurado poderá confirmar este pensamento.

No ramo do cooperativismo educacional a cooperativa-escola se constitui uma organização apropriada para o desenvolvimento da atividade educativa não-formal, dentre outras igualmente importantes. Ela é constituída por alunos de escolas agrotécnicas ou profissionalizantes e se propõe a educá-los segundo a filosofia do cooperativismo entre outros objetivos já enfocados anteriormente.

Com a criação do Sistema Escola-fazenda a cooperativa-escola ampliou seu papel passando a tomar parte da estrutura pedagógica para a habilitação do Técnico em Agropecuária ao mesmo tempo em que serviam de órgão executor dos projetos técnicos conjuntamente com as Unidades Educativas de Produção.

Posteriormente, com a criação da Coordenação Nacional do Ensino AGRÍCOLA – COAGRI, este sistema torna-se ainda mais fortalecido e a cooperativa-escola assume o papel de prover recursos físicos, pedagógicos e administrativos para a Escola Agrícola.

Hoje, as cooperativas deste segmento têm o mesmo tratamento legal dispensado às cooperativas tradicionais como, por exemplo, comprar e vender insumos e produtos no mercado e investir recursos de acordo com o desejo das assembléias gerais.

Torna-se evidente que o aluno além de ser contemplado com benefícios sociais poderá desfrutar do direito de participar dos destinos de sua entidade, conjuntamente com os demais colegas cooperados onde são representados por um conselho administrativo e um conselho fiscal eleitos democraticamente. Vale ressaltar que este é um fato de suma importância para a sua formação. Pois, é através da cooperativa-escola que se estimula o aluno a exercer o trabalho pela cooperação, pelo auxílio mútuo e pela solidariedade. Tudo isso por meio da construção conjunta da pessoa humana e da gestão democrática.

A cooperativa-escola de acordo com seus propósitos e, sendo uma entidade organizada, poderá defender a educação tecnológica, a qualidade de ensino e a escola pública. Isso ocorrerá na medida em que se torne realidade a implantação de projetos educativos por meio de parcerias e de convênios com a própria escola e com outras instituições de atividades afins.

Sendo assim essas cooperativas precisam ser mais bem preservadas e fortalecidas, para que se viabilize uma integração entre as pessoas de um mesmo nível educativo e cultural, imbuídas de um desejo de desenvolver um projeto social capaz de vencer as barreiras impostas pelo modelo econômico atual.

Na visão de Benevides (1995: 45), este segmento de cooperativismo deve “criar e desenvolver no aluno o espírito de solidariedade, de compreensão e de auxílio mútuo, estreitar os liames de amizade entre escolas e os pais de alunos, e

facilitar a educação intelectual, moral e cívica ministrada no estabelecimento de ensino”. Portanto, a iniciativa de elaborar e implantar projetos que tenham por fim fomentar o desenvolvimento do cooperativismo educacional, reorganizar o modelo de cooperativa-escola e assistir o jovem cidadão no sentido de criar e viver com ele o novo será sempre bem vinda.

Assim, o propósito de analisar o funcionamento de uma cooperativa-escola do ponto de vista social, econômico e, principalmente, educacional torna-se valioso. Porque é neste ambiente que o aluno pode aprender conceitos de ética, de partilha, promove sabedoria e guarda lições que servirão para toda sua vida.

É valioso aproximar o conhecimento formal, vivenciado em sala de aula, do conhecimento informal do mundo das cooperativas, sindicatos e associações. Pois, como afirma Cunha (1995), “Se o processo educacional não for interativo com o estudante, com suas peculiaridades, ele será inócuo”. Na verdade o professor, seja em sala de aula ou no exercício de outra função tal como a coordenação de uma cooperativa-escola, poderá desenvolver ações que viabilizem o saber conjunto para que todos possam crescer juntos.

3. METODOLOGIA

O presente artigo é fruto de um trabalho realizado no âmbito da Escola Agrotécnica Federal de Crato – CE tendo como suporte a metodologia qualitativa da pesquisa. Procurou-se descobrir como o grupo investigado se relaciona, como se caracteriza e quais os seus mecanismos de ação conjunta bem como o que pensa a respeito da contribuição da cooperativa-escola para a sua formação de Técnico em Agropecuária.

Trata-se de um estudo de caso que segundo Yin, (2005: 19) “é a estratégia de pesquisa que se utiliza para contribuir com o conhecimento que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupos, além de outros fenômenos relacionados”.

Os participantes da pesquisa foram os alunos do Curso Técnico em Agropecuária concluintes no ano de 2007 que durante três anos tomaram parte do quadro social da cooperativa conjuntamente com os demais alunos da escola.

O estudo levantou questões sociais, políticas e educacionais junto à cooperativa-escola. Foram utilizados como instrumentos para coleta de dados questionários abordando aspectos relativos à cooperativa e a sua importância na formação do técnico, a participação do educando na tomada de decisões da entidade, aspectos relacionados à gestão da cooperativa e do conselho fiscal, bem como outros assuntos de natureza educacional. Procurou-se não somente buscar informações sobre a participação do aluno no dia-a-dia da cooperativa, mas levantar subsídios para uma análise futura sobre o modelo de contribuição para a formação do aluno averiguando se ele segue um processo tradicional ou se é um modelo transformador.

Para a coleta de dados, foram escolhidos, de forma aleatória, 40 formandos de um total de 120 formandos. Estes alunos responderam a um questionário com

questões abertas e fechadas sobre cooperativismo, gestão e educação. A coleta foi realizada em novembro e dezembro de 2007.

Os resultados apresentados neste artigo fazem parte da coleta de dados para uma pesquisa do Mestrado em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro cujo tema é: A Cooperativa-escola na formação do Técnico em Agropecuária: modelo de conservação ou processo de transformação? Portanto, novos artigos serão elaborados a partir destes dados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Relação entre a Cooperativa-Escola e a Escola Agrotécnica

A cooperativa dos alunos e a Escola Agrotécnica celebram compromissos através de convênio de cooperação técnica, pedagógica e financeira como o que foi firmado em 29 de setembro de 2006 entre ambas, com vigência de 60 meses.

O Convênio de Cooperação Técnica Pedagógica e Financeira entre a Escola Agrotécnica Federal de Crato - CE e a Cooperativa-escola dos Alunos da Escola Agrotécnica Federal de Crato LTDA – COETAGRI apresenta o seguinte conteúdo (COETAGRI, 2006):

Cláusula Primeira – Do objeto; “O presente convênio tem por objeto a cooperação Técnica, Pedagógica e Financeira entre as partes convenientes, para a coordenação, execução e a manutenção de projetos agropecuários de cunho pedagógico, bem como a comercialização dos produtos produzidos na execução dos diferentes projetos e nos laboratórios do sistema de produção em consequência do aprendizado, proporcionando um ensino de educação-produção”.

Analisando o conteúdo da cláusula supracitada percebe-se que deve ser significativo Ato de Cooperação da escola com a cooperativa e vice-versa e quanto o mesmo pode resultar em benefício para o aluno que ao mesmo tempo é estudante da escola e associado da cooperativa. É ímpar o esforço de ambas as partes no sentido de desenvolver projetos que resultem no aprimoramento da qualificação profissional do aluno da Escola Agrotécnica em seu processo de formação para a cidadania e para ingresso no mundo do trabalho.

4.2. A Percepção dos Cooperados

Os dados levantados dizem respeito aos aspectos relativos às atividades desempenhadas pela Cooperativa-escola o que envolve aspectos relativos ao desempenho da mesma em relação à assistência ao aluno, atuação do Conselho Administrativo e Conselho Fiscal, sobre a participação do quadro social junto a entidade e sobre a atuação do próprio cooperado.

Os questionamentos envolviam aspectos tais como; a autogestão numa Cooperativa-escola, contribuição da Cooperativa-escola com a formação do educando, o modelo de funcionamento da cooperativa, os projetos educativos que a mesma poderá desenvolver e que ações podem ser viabilizadas pelo poder público para estimular o desenvolvimento do cooperativismo educacional.

Com relação ao desempenho da Cooperativa no que diz respeito à assistência ao associado 47,06% dos participantes responderam que é satisfatório, 41,18% que é pouco satisfatório, 8,82% que é muito satisfatório e 2,94% acham que é insatisfatório.

Embora o maior percentual se refira a assistência como sendo satisfatório, foram registradas respostas ao se indagar o porquê, tais como: “Não tenho conhecimento dos meus direitos e deveres”; “Nunca participei de nada”; “Deve ter mais assistência”; “Há desinteresse no processo de divulgação da mesma”. Isso demonstra que apesar da resposta satisfatória em relação a essa situação parte do grupo reclama do mecanismo de assistência e da sua própria inserção nesse processo.

Uma segunda indagação foi a respeito da atuação do Conselho administrativo para a qual se obteve as seguintes respostas: Metade dos respondentes afirmou que a atuação é boa, 44% afirmam que é regular, 2,94% acharam que é muito boa e 2,94% acharam que é insatisfatória.

Nesse item quando solicitados para justificar a resposta surgiram afirmações como: “Beneficia o educando”; “Ajuda o aluno a tomar decisões”; “Conselho é competente”; “Decisões de apoio ao aluno são demoradas”; “Não atende plenamente o aluno”. “Não sou informado sobre o que acontece”.

Há, portanto, uma mistura de elogios e críticas o que servirá de alerta para um planejamento das ações por parte do Conselho Administrativo possivelmente motivando o aluno a participar das reuniões e a se informar mais a cerca dos trabalhos realizados pela cooperativa.

A opinião dos entrevistados sobre a atuação do Conselho Fiscal da cooperativa ficou assim registrada: 47,06% dos entrevistados afirmaram que a atuação é boa, 35,30% afirmaram que é regular, 8,82% disseram que é excelente e 2,94% afirmaram que é insignificante. Analisando os comentários dos participantes se verificou existe um desconhecimento sobre este conselho, tais como algumas das colocações dos mesmos: “Nem sei quem são os fiscais”; “Conselho fiscal é mais ausente que presente”; “Precisamos de mais informação”; “Desempenha bem suas funções”; “Atendem as decisões”.

Em seguida os alunos responderam sobre sua participação junto à entidade fato esse que resultou nas seguintes afirmações; 47,06% apontaram que sua participação é pouco expressiva, 38,24% afirmaram não participar, 14,70% afirmaram ser expressiva e nenhum disse ser muito expressiva.

Quando motivados a responder o porquê dessa afirmação obteve-se as seguintes respostas: “Não tenho interesse”; “Nunca tive vontade”; “Não tenho tempo”; “Falta oportunidade”; “Não vejo nenhum incentivo na área”; E mais algo como: “Participo votando”; “Sou do Departamento Administrativo”.

Pelo exposto se observa que falta ainda ao grupo dirigente e aos orientadores da cooperativa um programa mais audacioso no sentido de divulgar para os estudantes as atividades da cooperativa e de motivá-los para o exercício mais firme e compromissado de cooperado. Talvez seja oportuno criar uma política de incentivo para o jovem valorizar mais o trabalho conjunto e solidário.

Ainda nesse bloco de perguntas os alunos participantes da pesquisa responderam sobre a atuação do quadro social, ou seja, dos associados como um todo. Foram os seguintes os resultados; 50% responderam que o quadro social é atuante. 38,24% falaram que é pouco atuante. 8,82% revelaram ser muito atuante e 2,94% acharam que o mesmo não é atuante.

Nesse sentido percebe-se que falta ainda, na visão do aluno, uma melhor participação do quadro social como um todo. Esse fato está relacionado com a própria atuação dele enquanto cooperado, pois se for feita uma comparação dos dados se reafirma a necessidade de avaliar o plano de ação da cooperativa e a participação tanto dos dirigentes como dos alunos associados no processo de desenvolvimento da mesma.

Num segundo bloco de perguntas os participantes desse estudo responderam a alguns quesitos relacionados à parte específica sobre itens correlacionados a autogestão cooperativa, contribuição da cooperativa na formação do Técnico em Agropecuária, qualificação do modelo atual de funcionamento da cooperativa, sugestão de projetos a serem desenvolvidos e ações governamentais que deveriam ser priorizadas para reforçar uma política de desenvolvimento do cooperativismo educacional.

Interrogados sobre a importância da autogestão para o gerenciamento da cooperativa identificou-se respostas tais como: “Relaciona-se a opiniões tomadas em grupo respeitando-se mutuamente”. “Gestão própria da cooperativa”; “É o gerenciamento da cooperativa pelo sócio”; “É uma gestão independente”.

Nota-se que o aluno entende o que é autogestão, no entanto, se cruzados os dados relativos à participação do mesmo no processo de administração da cooperativa, sobre a atuação do quadro social e os que dizem respeito à relação desses com os conselhos, percebe-se a distância entre o que seja compreender teoricamente o conceito e, na verdade, vivenciá-lo na prática.

Uma contribuição para desenvolver este trabalho foi a que indaga sobre o que o concludente acha sobre a contribuição da cooperativa-escola para à formação do Técnico em Agropecuária. Nesse caso as respostas foram as seguintes: 44,12% dos entrevistados disseram que a mesma contribui significativamente, 32,33% afirmaram ser muito significativa, 20,59% disseram ser pouco significativa e apenas 2,94% acharam que a mesma não contribui com a formação do educando.

Apesar de não ter uma presença marcante nas atividades de rotina da cooperativa o alunado acredita na possibilidade da mesma contribuir com o processo de formação que o encaminha para o mercado de trabalho. Mas percebe-se no discurso discente uma expressão de vontade que a cooperativa valorize mais o conhecimento oriundo da atividade social. Através da fala do aluno se constata que o mesmo encontra na atividade não formal um ensinamento que

complementa o conteúdo vivenciado em sala de aula. É enfática a afirmação do participante da pesquisa no sentido de apreciar um conhecimento com características políticas. É como afirma Libâneo (1986: 35) ao descrever a pedagogia libertadora; “Nos grupos sociais organizados como os sindicatos e as cooperativas o aprendizado é sempre resultado das conquistas sociais através do grupo democraticamente organizado”.

A afirmação do aluno sobre a qualificação do modelo de funcionamento da cooperativa foi de forma acentuada que a mesma segue uma metodologia tradicional. Isto foi constatado durante a coleta de dados tanto nas respostas estruturadas, como nas semi-estruturadas quando alguns entrevistados afirmaram em suas falas não ter conhecimento pleno dos seus direitos, não participarem ativamente das atividades da cooperativa e quando parecem desconhecer em parte a ação dos órgãos dirigentes.

Assim posto fica evidente que a cooperativa apresenta um mecanismo de gestão onde as decisões no processo administrativo precisam ser mais bem democratizadas. Uma divulgação mais abrangente sobre os valores do cooperativismo e a importância da cooperativa seria valiosa para modificar a maneira de gerir o empreendimento coletivo, impulsionando-o a adotar um modelo transformador no que diz respeito à educação cooperativista.

Os participantes apontaram ainda sugestões para elaboração de projetos em que a cooperativa deveria desenvolver para valorizar ainda mais o sistema cooperativista nas Escolas Agrotécnicas. Alguns destas sugestões foram:

- Maior interação entre os alunos e a cooperativa;
- Aumentar o número de alunos para trabalhar na cooperativa;
- Projetos para dinamizar a comercialização dos produtos agrícolas;
- Projetos envolvendo a direção e os alunos;
- Mais atividades de lazer e de assistência ao aluno;
- Inserção do aluno no dia-a-dia da cooperativa;
- Viabilizar estágios para os alunos através da cooperativa;
- Transparência sobre os trabalhos da cooperativa;
- Programar atividades de capacitação técnica para o aluno; e
- Estimular à participação do aluno na cooperativa.

Vale ressaltar que estas idéias acima apresentadas são da autoria dos alunos que durante três anos fizeram parte da cooperativa e adquiriram a experiência necessária sobre o que representa a cooperativa-escola no cotidiano escolar. Para esses alunos a realização de projetos de natureza educacional enfocando a atividade da cooperativa, não apenas no que diz respeito ao que é rotina da mesma, seria fundamental na medida em que poderia aproximar mais o estudante da entidade e torná-lo mais apto a gerir a cooperativa e nela depositar mais credibilidade.

Desta forma a cooperativa e a escola poderiam cumprir mais plenamente os acordos firmados via convênios entre ambas. O próprio estatuto, no capítulo que se refere aos objetivos da cooperativa, aos direitos e deveres dos sócios e até

mesmos às funções dos órgãos dirigentes, ficariam mais fielmente cumpridos pelos que fazem essa sociedade.

Ainda foi sugerido aos componentes dessa investigação que eles apontassem sugestões sobre a política do governo para fomentar o desenvolvimento do cooperativismo educacional. As respostas foram sucintas e se limitaram a descrever algo em torno da necessidade de se incrementar os programas de apoio ao sistema cooperativista entre jovens, investimento de recursos financeiros nas cooperativas para desenvolvimento de projetos de natureza educativa, criação de programas de apoio ao intercâmbio entre cooperativas e que valorizem os processos de fiscalização das cooperativas.

Novamente o aluno demonstra interesse pelo assunto. Indica possíveis saídas para a melhoria do sistema cooperativista no ramo educacional. Aponta alternativas para solução de problemas das cooperativas a partir da criação de programas que orientem e estimulem o jovem a participar de atividades que tenham por base a cooperação, a ética e que primem pelas demais virtudes do sistema cooperativista.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho investigou o modelo de aprendizagem do aluno-associado através da atuação na cooperativa-escola. O caminho percorrido para atingir tal fim foi o da análise do discurso dos participantes da pesquisa, ou seja, os próprios alunos que durante três anos fizeram parte do quadro social da referida cooperativa.

As questões apreciadas através de questionários aplicados para parte do grupo de alunos concluintes no Curso de Técnico em Agropecuária tratavam sobre a participação do aluno junto ao quadro social da cooperativa, a atuação dos órgãos dirigentes e sobre o cumprimento das normas estatutárias da cooperativa.

O alvo desse trabalho foi analisar a importância da cooperativa-escola e definir o modelo de contribuição na formação do aluno. Foi importante interpretar o discurso do aluno cooperado numa tentativa de averiguar a tendência no que diz respeito ao modelo de aprendizagem predominante na mesma.

Diante disso pode-se apontar as seguintes conclusões e/ou sugestões:

- Para o aluno o modelo de aprendizagem predominante na cooperativa ainda é tradicional.
- O conhecimento veiculado ao aluno para a sua formação por meio da cooperativa é não formal, porém tem um significado, ou seja, um valor que merece ser reconhecido.
- A participação do aluno nos eventos e nos momentos decisórios da cooperativa precisa ser mais expressiva resguardando a virtude democrática das cooperativas.
- A atuação dos órgãos dirigentes deve ser mais divulgada o que lhes remete mais credibilidade por parte dos demais associados.
- A filosofia do cooperativismo bem como a importância da cooperativa-escola precisa ser amplamente divulgada no âmbito da escola.

- O quadro social carece de mais informação à cerca dos trabalhos desenvolvidos na cooperativa estimulando o grupo a se inserir nesse processo.
- A direção da escola deve veicular programas de inter-cooperação entre os que fazem parte da cooperativa e outros órgãos que tenham atividades afins.
- O conceito da autogestão merece sair do plano teórico começando com a inclusão do aluno nos trabalhos da cooperativa.
- Deve-se minimizar a distância entre o saber formal e o saber não formal o que possibilita ao jovem o desenvolvimento da consciência crítica.
- Programas de apoio ao desenvolvimento do cooperativismo educacional devem ser ampliados pelo poder público estimulando a criação de novas cooperativas.

Em suma, este trabalho revela que é possível fortalecer cada vez mais o ideal do cooperativismo e renovar a esperança de que através do esforço coletivo e da ação conjunta pode melhorar a condição sócio-econômica e política do homem. Portanto, espero-se que estas sugestões possam melhorar a gestão da Cooperativa Escola dos Alunos da Escola Agrotécnica Federal de Crato LTDA, bem como para a qualificação profissional do Técnico em Agropecuária.

Através da educação cooperativista do jovem, seja pelo sistema formal ou não-formal, torna-se relevante estreitar os laços de companheirismo entre eles e, desde cedo, divulgar com hombridade os princípios e os valores do sistema cooperativista contribuem com a sua formação para a cidadania.

REFERENCIAS

COETAGRI, Cooperativa-escola dos Alunos da Escola Agrotécnica Federal de Crato Ltda. **Estatuto da Cooperativa**. Crato/CE, 1995.

COETAGRI, Cooperativa-escola dos Alunos da Escola Agrotécnica Federal de Crato Ltda. **Convênio EAFC**. Crato/CE, 2006.

CRÚZIO, Helnom de Oliveira. **Como Organizar e Administrar uma Cooperativa**. Rio de Janeiro, FGV, 2000.

CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. Campinas, Papirus, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

LIBÃNEO, José C. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo, Loiola, 1986.

MENESES, Antônio. **Cooperativismo para as Escolas de II Grau**. Brasília, OCB, 1992.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS – OCB. **Cooperativismo Brasileiro: uma história**. Brasília, OCB – 2004.

PINHO, Diva Benevides. **Administração de cooperativas**. Brasília, OCB, 1995.

YIN, Robert. K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre, Bookman, 2005.